

VISÃO DO CORREIO

É preciso reagir ao trabalho infantil

A imagem é cotidiana nas cidades brasileiras: crianças e adolescentes pelas ruas exercendo atividades para ganhar algum dinheiro. Durante o dia ou à noite, surgem oferecendo doces, amendoins e petiscos do gênero, água, refrigerante e até mesmo mimos e brinquedos. Às vezes, estão acompanhados, mas em muitos casos enfrentam a função sozinhos. Trata-se de uma realidade escancarada, que exige ações imediatas.

Proibido pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, o trabalho infantil é uma grave violação de direitos, que impede o desenvolvimento amplo e sadio de crianças e jovens. Segundo estabelece a legislação, a partir dos 16 anos, adolescentes podem trabalhar apenas de forma protegida, sendo que entre 14 e 16 anos somente na condição de aprendiz. Abaixo dos 14 anos, qualquer tipo de trabalho é vedado.

Contudo, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, divulgados em dezembro do ano passado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que em 2022 o Brasil apresentou quase 1,9 milhão de crianças e adolescentes realizando alguma prática econômica, o equivalente a 4,9% do total de habitantes entre 5 e 17 anos no país. Os estudos apontam que a crise gerada pela pandemia de covid-19, com o aumento da vulnerabilidade das famílias de baixa renda, deixou os jovens ainda mais expostos e agravou a situação.

Ainda segundo o IBGE, em 2023 houve uma retomada da presença na pré-escola, porém foi registrada uma tendência de queda nas matrículas do ensino fundamental. Já em relação ao ensino médio, houve pouca oscilação se comparado a 2022. No ano passado, 91,9% dos jovens de 15 a 17 anos estavam na sala de aula e 75% faziam especificamente essa etapa do processo.

Em 2023, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por meio da Auditoria Fiscal do Trabalho, tirou 2.564 crianças e adolescentes de situações de exploração do trabalho infantil em 1.518 ações de combate. Das 2.564 vítimas resgatadas, 1.923 eram meninos e 641, meninas. O Mato Grosso do Sul liderou com 372 afastamentos, seguido por Minas Gerais, com 326 casos, e São Paulo, com 203. O órgão informa que o aumento da fiscalização é uma das metas neste ano. Esse trabalho é fundamental, porém não soluciona a questão.

Traçar medidas e pensar iniciativas que diminuam o problema são pontos cruciais. Políticas públicas devem amparar menores e familiares carentes. E a sociedade precisa pensar sobre essa problemática como prioridade. É importante que a responsabilidade pelo bem-estar das crianças e adolescentes seja compartilhada pela população. Adquirir uma mercadoria oferecida pelas mãos dos pequenos com a intenção de ajudar pode ser destruidor para a vida deles. Não exigir das autoridades e dos políticos um olhar comprometido é perpetuar o descaso.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Etarismo

A Revista do Correio de ontem nos contou a história de dona Maria, a “vovó que conquistou a internet”. A mulher de 69 anos não para de ganhar seguidores nas redes sociais ensinando o preparo de comidas no fogão à lenha. Uma mulher nascida e criada na roça com mais de 5 milhões de seguidores e chegando aos 70 anos de vida. É mais uma das inúmeras provas de que a chegada à velhice não significa o fim de sonhos e de habilidades. O que Madonna fez no sábado — um show performático, na praia de Copacabana, para mais de 1,6 milhão de pessoas — é outra prova incontestável disso. Os fãs de Madonna e dona Maria são, certamente, de diversas faixas etárias, o que faz com que a troca entre as gerações seja tão rica. Definitivamente, o etarismo é um atraso.

» Luana F. Miranda

Asa Norte

Marte

Será que o resquício de água encontrado em Marte, ainda que imprópria para o consumo humano, não é resultado da mesma devastação que o nosso planeta sofre atualmente? Alegar que um asteroide colidiu com o planeta e exterminou qualquer possibilidade de prosseguimento de existência de vida é um desfecho fantasioso, mais condizente com a ficção. Seria muita ironia se um dia descobrissemos que o planeta Terra foi o “plano B” dos habitantes marcianos e, após um “apagão” de 4 bilhões de anos, fosse constatado que somos aquilo que procuramos. Considerando o importante papel das sondas, satélites, robôs e toda a sofisticada tecnologia empregada na tentativa de novas descobertas, visando à obtenção de algo concreto que mude radicalmente o conceito científico, penso que o nosso planeta tem mais respostas ocultas que o próprio vizinho investigado. Se a água de Marte realmente não servir aos nossos propósitos, o que faremos? Seguiremos para o próximo planeta? São tantas “travessias”...

» Renato Mendes Prestes

Águas Claras

Rio Grande do Sul 1

O amor inquebrantável virou barro e lama. O choro e o desespero comovem o Brasil e o mundo. A tragédia no Rio Grande do Sul, agora também alcançando Santa Catarina, passou de 60 mortos e centenas de desaparecidos. A insistência pela vida permanece. Os prantos se transformaram em preces. O sonho de encontrar amados soterrados ou levados pelas águas continua. A dor insiste em tornar-se invisível. Almas e corações andam juntos com a eterna expectativa de que a chuva pare. O recomeçar exigirá energia e fé dobradas. Bombeiros e voluntários não esmorecem. A vigília é permanente. A solidariedade começa a chegar. De brasileiros e estrangeiros. O governo federal faz a sua parte. Montou gabinete de crise para ajudar famílias que perderam tudo e na reconstrução do estado. Moradores tentam recolher o que sobrou da enxurrada. Todos agora são uma família só. Respiram solidariedade e fé.

» Vicente Limongi Netto

Lago Norte

Rio Grande do Sul 2

Me entristece ver como a polarização política deixou os brasileiros insensíveis à dor alheia. O Rio Grande do Sul está passando por uma tragédia climática histórica, com cidades sendo engolidas pelas águas, e as pessoas ficam basicamente se atacando e comparando o desempenho do presidente atual e do anterior. Seria tão mais útil se toda essa energia fosse usada para algo que, de fato, pode fazer diferença, como ajudar os afetados pela tragédia gaúcha e tantas outras espalhadas pelo país ou até mesmo se envolver em projetos de sustentabilidade. Essa polarização é uma grande armadilha para o crescimento do país e para o nosso, como indivíduos. Precisamos escapar dela. Somos melhor com isso.

» Eliana Silveira

Riacho Fundo

Desabafo

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Além de ser um dos pioneiros de Brasília, Creso Vilela será sempre lembrado por ter sido um homem inteligente, bondoso, educado e, sobretudo, elevadamente humano.

José Pedro Junior — Catalão (GO)

É um absurdo esse projeto de lei que prevê mudança na pensão de falecido.

Antônio Francisco de Souza — Brasília

Não concordo com esse projeto que prevê que o cônjuge não tem direito a herança. Principalmente nós, mulheres que se dedicam à casa 24 horas! A maioria dos filhos de hoje em dia não dá assistência aos pais.

Marineide Bertolazi — Brasília

Que todos deixem as diferenças regionais e políticas de lado e ajudem o Rio Grande do Sul.

Abraão Ferreira do Nascimento

— Águas Claras

Temos uma grande metrópole alagada em áreas de alto poder aquisitivo. Esse é o primeiro recado dos impactos: os efeitos do aquecimento global chegaram.

Fred Adejar — Goiás

A Cidade Ocidental incha a cada dia. Mas aqui não há políticas públicas para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Eu convido o nosso governador a nos fazer uma visita de responsabilidade.

Zildete Cunha — Cidade Ocidental



PALOMA OLIVETO

paloma.oliveto@cbpress.com.br

De dilúvios e apocalipses

Os seres humanos parecem ter uma fixação ancestral com o fim do mundo e grande facilidade para acreditar em mitologias que o descrevem. Embora o roteiro mude de acordo com a época e a civilização, há um componente universal que prenuncia o apocalipse: o dilúvio.

Uma das narrativas mais conhecidas sobre o tema é a história bíblica de Noé, patriarca que, a mando de Deus, recomeçou o mundo com seu barco repleto de animais. Na antiga Mesopotâmia (atual Iraque), há muitos mitos sobre a chuva que antecede o fim. O primeiro conhecido foi registrado em cuneiforme — a forma mais antiga da escrita —, e precede em 2 mil anos o livro do Gênesis. Conhecido como Mito de Atrahasis, conta como um homem (Atrahasis) liderou um grupo de sobreviventes após a primeira destruição do planeta, causada por uma enchente.

Para a religião hindu, de origem indiana, hoje vivemos a quarta era (yuga) do mundo. Cada uma delas dura 12 mil anos e é encerrada pelo dilúvio. Mais próximos de nós, os povos da etnia kaingang, que ocupavam o litoral de São Paulo e de toda a Região Sul, explicam sua origem com um temporal que devastou o planeta; muito tempo depois, o chão tremeu e, da Terra, saíram seus ancestrais.

A ideia do apocalipse não ficou no passado: vez por outra, inventam-se profecias (como a do “calendário maia”, em 2012, ou ameaças de asteroides e meteoros). Um número razoável de pessoas acredita nessas histórias.

O tema é explorado no cinema e em séries de TV — recentemente, zumbis substituíram o dilúvio como os destruidores do mundo. Há, porém, outros de flagradores da hecatombe, mais críveis e

atuais, como as intervenções humanas no planeta, narradas em títulos como *Interstellar*, *Não olhe para cima* e *Destrução final*.

O Brasil vive, hoje, seu dilúvio. Tempestades que atingiram o Rio Grande do Sul ameaçam mais de 260 municípios, mataram ao menos 66 pessoas e afetaram, de alguma forma, 351.639, conforme números divulgados no domingo. Segundo meteorologistas, a tragédia é combinação de fatores que incluem a onda de calor no Centro-Oeste, uma frente fria e uma corrente de vento vindas do Sul e um corredor de umidade da Amazônia.

Todas essas ocorrências são naturais e acompanham o planeta desde sua formação. Porém, há décadas a ciência alerta: mudanças climáticas induzidas pela atividade humana intensificam a frequência e a gravidade de fenômenos meteorológicos extremos. Os registros paleoclimáticos não deixam dúvidas de que, depois da industrialização, no século 19, eventos como secas e inundações tornaram-se muito mais comuns.

Há, porém, quem não acredite em mudanças climáticas, embora creia no apocalipse. Evidências científicas são desafiadas por argumentos político-partidários, prefere-se fechar os olhos para décadas de estudos conduzidos com o maior rigor em universidades e centros de pesquisa.

Um dia, em inimagináveis 5 milhões de anos, o Sol explodirá e, ao se transformar em uma estrela gigante vermelha, destruirá a Terra. Se o fim do mundo virar antes disso não depende, como os mitos propagam, da ira de divindades.

Está na mão da humanidade impedir o dilúvio final.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br